

resenhas

A estranheza da psicanálise - A escola de Lacan e seus analistas

Rita Bicego Vogelaar

Resenha do livro *A estranheza da psicanálise – A Escola de Lacan e seus analistas*, Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

“Escola de Lacan significa uma instituição e um conceito: uma instituição de formação psicanalítica que se baseia no conceito de Escola” (p. 11). (...) “O meu propósito neste livro é colocar na mesa esse conceito para aqueles que estão chegando ao país da psicanálise para os colegas, meus contemporâneos, lacanianos ou não, aos analistas futuros, e trazer algumas reflexões gerais a partir da experiência que atrevesse eu vivida durante a construção de três Escolas. (...) A Escola como conceito está aí, mas a Escola como prática é uma construção permanente cuja estranha chamada deve ser mantida viva para ela não decair nem se transformar na formação coletiva banal de um mero grupo” (p. 13).

Estas afirmações de Quinet, logo no prefácio de seu livro, nos orientam nessa criteriosa viagem pelas *entranhas ex-tranhas* da psicanálise, onde Quinet nos convida a acompanhá-lo no desenvolvimento conceitual de, como e porque, a formação do analista deve se pautar no inconsciente – que não é coletivo e sim de um sujeito – porém, não sem uma Escola.

Quinet divide o livro em três seções: *A Política do Analista*, *A Escola de Lacan* e *A Análise do Analista*.

“Sem a causa não há análise” (p. 27). É assim que Quinet inicia a primeira seção e segue falando da política do discurso do analista e da transmissão no ensino de Lacan:

“O dever ético que orienta a política da psicanálise é: lá onde estava o Pai, o pior deve advir. (...) Lá onde se encontra o Nome do pai, a psicanálise faz do vir o objeto que, se é pior para o sujeito, é também o objeto causador de desejo que sustenta para o analista a causa que o move, a causa analítica” (p. 52).

E, por fim, sobre a transmissão, Quinet retoma a pergunta de Lacan, de 1957: “A psicanálise, o que ela nos ensina... Como ensiná-lo?” (p. 57) E prossegue: “O que se transmite na experiência analítica?” (p. 54).

“A função do analista não é transmitir o que quer que seja, mas propiciar que uma psicanálise ocorra. A transmissão da psicanálise não é algo que passou do analista para o analisante como um ritual de passagem de estilo iniciático: a transmissão da psicanálise não é uma transmissão de uma técnica no interior de uma intimidade. (...) O ensino da psicanálise deve ser pensado a partir da posição do analisante: quem ensina é o sujeito dividido. (...) O ensinante é um trabalhador cuja construção do saber é ordenada para aquilo que não sabe, mas interroga” (p. 55).

Na segunda seção, denominada por Quinet de *A Escola de Lacan*, podemos percorrer a história da construção das três Escolas: A Escola da Causa Freudiana, A Escola Brasileira de Psicanálise e a Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, além do dispositivo de cartel, do passe e dos impasses.

“É certo que a Escola é um significante e, como significante está aí para ser usado por qualquer um de qualquer maneira. Mas a Escola no sentido de Lacan não é um significante qualquer, é um conceito. A Escola como Lacan propõe é diferente de todas as Escolas que existem: a escola primária, a escola de enfermagem, a escola na vela etc., até mesmo no sentido grego e antigo do termo” (p. 92).

É um enorme prazer acompanhar Quinet nesse percurso, não só pelo seu rigor e clareza, já tão conhecidos por todos nós, mas pela relevância de suas colocações com relação a o que é, e qual é a função de uma Escola de Psicanálise:

“É necessária a Escola para que a pergunta: o que é o analista? saia do discurso histórico da circularidade e não se contentem com a resposta fornecida pelo discurso universitário da burocracia, do cumprimento de crédito ou número de anos de análise, supervisão e seminários. O desejo da Escola é equivalente ao desejo de saber o que é o analista (p. 117).” (...) A formação do analista, qualquer que seja, é sempre uma sinfonia inacabada a ser permanentemente criada” (p. 119).

A terceira seção fala da *Análise do Analista*: “O que podemos esperar encontrar entre o início e o fim de análise?” (p. 136). “Qual a relação entre o ato analítico e a Escola?” (p. 136). Quinet faz esses

desenvolvimentos e, a seguir, continua com algumas outras questões cruciais: “Como um sujeito que atravessou a fantasia radical pode viver a pulsão?” (p. 150). “Saber lidar com seu sintoma, é isso o final da análise?” (p. 166) e finaliza desenvolvendo a relação entre o estilo e a Escola: “O estilo não é próprio do homem. O estilo não é o Outro. O estilo é o objeto a, causa do desejo. (...) O estilo é a grife, a marca que o analista faz incidir em seu ato e sua interpretação” (p. 179).

E no *posfácio*, cuja definição é *advertência posta no final de um livro*, Quinet faz a pergunta que, na verdade, desenvolveu durante o livro todo: “Como construir uma comunidade de experiência orientada pela Escola que não tenha a estrutura da massa (ou grupo) descrita por Freud?” (p. 187) e termina: “A consideração do Um como singular, e não o Um da exceção, a lógica do mais-um e a estrutura do enxame são alternativas antiggrupo para escapar da cola do grupo e pensar em uma comunidade analítica de Escola. Descolando. D’Escolando. Decolando” (p. 191).

IMPERDÍVEL!

